



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS  
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

**DENISE CRISTINA FERREIRA**

**A INDISCIPLINA: As representações sociais das relações de autoridade e poder na  
Escola E.E.F.M. Francisco Ernesto do Rêgo Queimadas- PB**

CAMPINA GRANDE – PB

2014

**DENISE CRISTINA FERREIRA**

**A INDISCIPLINA: As representações sociais das relações de autoridade e poder na Escola E.E.F.M. Francisco Ernesto do Rêgo Queimadas- PB**

Monografia apresentada ao curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientador: Prof<sup>o</sup> Hipolito Lucena

CAMPINA GRANDE – PB  
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

F383i Ferreira, Denise Cristina

A Indisciplina [manuscrito] : as representações sociais das relações de autoridade e poder na Escola E.E.F.M. Francisco Ernesto do Rêgo Queimadas- PB / Denise Cristina Ferreira. - 2014.

40 p. : il. color.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.

"Orientação: Hipolito de Sousa Lucena, Departamento de Comunicação Social".

1. Educação. 2. Indisciplina. 3. Sociologia Educacional. I. Título.

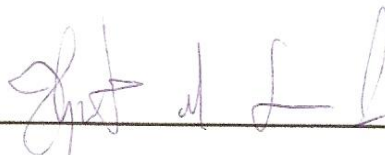
21. ed. CDD 371.58

**DENISE CRISTINA FERREIRA**

**A INDISCIPLINA: As representações sociais das relações de autoridade e poder na Escola E.E.F.M. Francisco Ernesto do Rêgo Queimadas- PB**

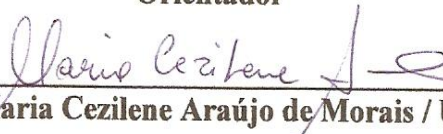
Monografia apresentada ao curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_



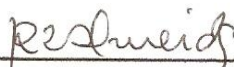
**Prof<sup>o</sup> Ms. Hipolito de Sousa Lucena / UEPB**

**Orientador**



**Prof<sup>a</sup> Maria Cezilene Araújo de Moraes / UEPB**

**Examinador**



**Prof<sup>a</sup> Rochane Villarim de Almeida / UEPB**

**Examinador**

## DEDICATÓRIA

A minha mãe, **Josefa Maria Ferreira** e ao meu pai **Daniel Ferreira de Maria**, pela dedicação, educação, alimentação e pela simplicidade que me ensinaram sobre a vida. Ao meu esposo, amigo e companheiro, **Kaio Santos Diniz**, por ter me encontrado e proporcionado amor e outras reflexões, acerca da vida, DEDICO.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao professor Ms. Hipolito Lucena pela disponibilidade e pelas leituras sugeridas no processo de orientação e pela sua dedicação, paciência e alegria na sua plena correria, obrigada de coração.

Aos professores do curso de especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares – UEPB, em especial a Adeilson Tavares e Eli Brandão pelas boas experiências de vida e acadêmica, que ao longo, desses meses, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento dessa pesquisa.

Ao Governo do Estado, em especial, a Secretaria de Educação – SEC, por realizar um debate tão enriquecedor, como foi participar desse curso de especialização.

Aos colegas de classe pelos momentos e de amizade, reflexão, debates e conflitos, a vocês, meu muito obrigada.

“A liberdade não pode ser concedida: precisa ser conquistada!”

Max Stirner

## RESUMO

Este estudo apresenta alguns aspectos teóricos e práticos relacionado ao processo de educação. Sabendo dos grandes dilemas da educação atual como: violência, buling, evasão, indisciplina e entre outros. Esse trabalho apresenta algumas reflexões acerca da indisciplina em sala de aula. Sabendo da sua oposição, disciplina e indisciplina, fazemos um breve apanhado histórico sobre pontos importantes da história da educação no Brasil, levando em consideração o espaço de representação da exigência da disciplina na escola. O principal questionamento a ser respondido corresponde ao fato do que seja a indisciplina em sala de aula? Diante disto, procuramos compreender o que seja a indisciplina tanto para o professor como para o aluno. Por meio de uma observação etnográfica e do estudo de caso da Escola Estadual de Ensino fundamental e médio Francisco Ernesto do Rêgo (ERNESTÃO), definimos algumas análises acerca do comportamento dos alunos quatro turmas dos 3º anos do ensino médio manhã. Além disso, fizemos alguns questionamentos aos professores das turmas e também ao alunado, na intenção de compreender a indisciplina na sala de aula. Entendemos que refletir sobre essas questões é de extrema pertinência tanto para academia como para aqueles que se interessam pela área da educação. Procurando refletir por melhores condições sociais e políticas educacionais para as escolas públicas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação, Indisciplina, Sociedade.



## **ABSTRACT**

This study presents some related theoretical and practical issues about education. Knowing of the great dilemmas of current education as: violence, bullying, evasion, and indiscipline among others. This work presents some reflections about indiscipline in the classroom. Knowing your opposition, discipline and indiscipline, a brief historical overview of important points in the history of education in Brazil, taking into account the space requirement of the representation of school discipline. The main question to be answered corresponds to the fact that it is the indiscipline in the classroom? Given this, we seek to understand what is indiscipline both for the teacher as for the student. Through an ethnographic observation and case study of the State School for elementary and middle school Ernesto Francisco do Rego (ERNESTÃO), define some analysis concerning the behavior of four groups of students 3rd year high school morning. In addition, we made some inquiries to teachers of classes and also the student body, in an attempt to understand the indiscipline in the classroom. We believe that reflecting on these issues is highly relevant for both academia as for those who are interested in education. Looking for better reflect social conditions and educational policies for public schools.

**KEYWORDS:** Education. Indiscipline. Society.

## LISTA DE ILUSTRAÇÃO

<b>FOTO 1-</b> Turma do 3º B (manhã).....	35
<b>FOTO 2-</b> Turma do 3º C (manhã).....	35
<b>FOTO 3-</b> Turma do 3º D (manhã).....	36
<b>FOTO 4 –</b> Turma do 3º E (manhã).....	36

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2 UM PASSEIO PELA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL.....</b>	<b>14</b>
2.1 O modelo Jesuítico de educação.....	15
2.2 A escola no Brasil.....	17
2.3 O modelo de educação atual no Brasil.....	25
<b>3 O BRASIL E A EDUCAÇÃO: AVALIAÇÕES, PUNIÇÕES E REGRAS.....</b>	<b>27</b>
3.1 Breves apontamentos da educação no período de Getúlio Vargas.....	27
3.2 Disciplina e Indisciplina: sociedade e escola no contexto social.....	28
<b>4 FRANCISCO ERNESTO DO RÊGO: O HISTÓRICO DA ESCOLA E DA EDUCAÇÃO EM QUEIMADAS- PB.....</b>	<b>31</b>
4.1 A história da formação da Escola e da Educação na Cidade de Queimadas- PB.....	32
4.2 Histórico da Escola.....	33
4.3 Um estudo de caso dos alunos do 3º ano manhã.....	34
<b>5 CONCLUSÃO.....</b>	<b>38</b>
<b>REFERÊNCIA.....</b>	<b>39</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A educação tem provocado debates entre os meios científicos e filosóficos. São diversos os especialistas preocupados com esta questão como: técnicos, pedagogos, sociólogos, filósofos, entre outros. Temas em torno de um projeto educacional como: o ensino, a escola, métodos, avaliações são discutidos por tais especialistas. Embora, muitos destes, fundamentados apenas em leituras e pouca prática, desconhecem certas questões relevantes para pensar no processo de ensino e aprendizagem.

Outras questões, também, norteiam a educação no Brasil atual, são os chamados dilemas acerca das dificuldades da educação mediada na escola. Temas como violência, bullying, evasão, indisciplina são chaves para as discussões sobre a educação. Nossa preocupação nesse projeto se refere a questão da indisciplina na sala de aula. São muitos os professores preocupados com essa dificuldade na intenção de encontrar um meio para vencer a indisciplina.

A disciplina, pela sua própria definição, ao contrario de indisciplina, reflete um processo de obediência, ou mesmo um seguimento de regras. Quando nos referimos a escola e a educação entendemos que nesse espaço existe uma composição de relações sociais inclusive a de professor-aluno. Muitas vezes o uso da autoridade pelo professor é uma constante para tornar o indivíduo “comportado”. Dentro da chamada escola pública, a qual será a nossa preocupação, se faz através de direitos e deveres, seguido de regras internas que compõe seu funcionamento. Diante disto, a disciplina na escola é vista como algo positivo e que deve ser seguido. Uma vez que, ajuda no seu funcionamento e organização. Então, aquele chamado de transgressor é o aluno considerado indisciplinado.

A escola como um espaço de significação, valores e trocas tende a reunir no seu interior as mais variadas individualidades e subjetividades. Uma vez que, a escola é um espaço significativo, sendo visto como propício para a aprendizagem e instauração de relações sociais (BRANDÃO, 1995). O ambiente escolar é um composto que reúne diversas identidades e contextos sociais diversificados. Por isso, na atualidade somos chamados a refletir sobre essas diversidades encontradas nas salas de aula.

Por isso, a educação é um tema de diversas reflexões. Pensando a partir dessas concepções a proposta desta monografia foi refletir através de alguns questionamentos a indisciplina na sala de aula. Por isso, de que maneira a indisciplina vem acontecendo na sala de aula? Quais as principais manifestações de indisciplina? O que pensa o aluno sobre essa prática? Quais os motivos da indisciplina? Esses questionamentos e outros questionamentos nortearam a escrita desse trabalho. Uma vez que, esses questionamentos são relevantes para compreender sobre o que pensa o aluno em relação a sua ocupação nesse espaço considerado de ensino e aprendizado. Tivemos como principal objetivo compreender através dos alunos e professores as possíveis causas geradoras da indisciplina em sala de aula.

Para o desenvolvimento desta pesquisa realizamos uma revisão da literatura especializada no tema. Em seguida, desenvolvemos uma pesquisa de natureza qualitativa, com análise precisa dos dados observados e coletados. A pretensão deste trabalho foi desenvolver um olhar acerca das práticas indisciplinadas na sala de aula. Tendo como ponto de partida a visão do aluno e do professor.

Por isso, foi usada a abordagem etnográfica de sala de aula, a ponto de compreender um pouco sobre o “outro” que é o aluno. Percebendo seu mundo, seus desejos e suas expectativas em relação ao seu comportamento na escola. “A pesquisa etnográfica visa compreender, na sua cotidianidade, os processos do dia-a-dia em suas diversas modalidades. Trata-se de um mergulho no microssocial, olhando com uma lente de aumento” (SEVERINO, 2007, p. 119). O universo de pesquisa foram os alunos do 3º ano do ensino médio manhã da escola pública Francisco Ernesto do Rêgo (ERNESTÃO).

Portanto, compreender o processo da indisciplina, na sala de aula, a partir dos discursos dos alunos e dos professores, é importante para analisar a possibilidade de uma postura mais adequada. Tentando compreender os motivos pelos quais essa questão tem sido um problema. Esse debate ajudará aqueles que se preocupam com a educação, criando outras questões e novas possibilidades de uma didática mais coerente.

A monografia esta desenvolvida em quatro capítulos, incluindo a introdução. No entanto, o capítulo dois que se refere a história da educação no Brasil. Levando em consideração o período da educação jesuítica até alguns recortes do Brasil

república. Já o capítulo três se refere ao Brasil República, mais precisamente, na década de 30 quando se estende o chamado do período de Vargas, levando em considerações alguns apontamentos do que seja disciplina e indisciplina na educação nesse período. E um quarto capítulo que se refere ao contexto político, social e econômico da referida cidade de Queimadas-PB, cidade da Escola mencionada. Deste recorte apresentando aspectos históricos importantes para o desenvolvimento da educação nesta cidade. E por fim algumas imagens e comentários acerca da pesquisa. Trata-se de uma monografia que procura compreender dilemas da educação atual com um olhar de educador e sociólogo ao mesmo tempo.

## 2 UM PASSEIO PELA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL

Quando falamos em história da educação Brasileira compreendemos que retrata muitos séculos neste contexto. Então trataremos, de fazer breves apontamentos dos aspectos mais marcantes deste período em questão. No entanto, a educação no Brasil passou por inúmeros momentos políticos e históricos. Esses momentos marcaram profundamente a história da educação brasileira, afetando até os dias atuais. Primeiramente, podemos mencionar o período da educação jesuítica, considerado um dos períodos mais extensos entre (1549-1759). Respectivamente da chegada dos jesuítas no Brasil ao ano da expulsão dos Jesuítas por Marques de Pombal.

Esse período pode ser considerado como um momento de “organização” e imposição de certos valores na sociedade brasileira. O principal objetivo da companhia jesuítica no Brasil era catequizar e impor valores educacionais próprios dos europeus. O que podemos considerar como um posicionamento etnocêntrico, por não reconhecer, as características próprias dos índios em fazer educação. Esse conceito de educação será mencionado posteriormente com algumas reflexões pertinentes. Então, a própria ideia dos não civilizados no Brasil já confirma certos etnocentrismo, quando a companhia jesuítica chega no intuito de civilizar tal sociedade. O próprio conceito de civilização criando já remete ao processo europeu. Essa concepção pode também ser chamada de etnocêntrica.

O termo etnocentrismo foi tema de uma reflexão sobre o julgamento dos valores que são considerados inferiores e superiores. Vejamos como Rocha, define o conceito de etnocentrismo.

[...] é uma visão de mundo onde nosso próprio é tomado como centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através dos nossos valores, nossos modelos, nossas definições do que é a existência. No plano intelectual, pode ser visto como a dificuldade de pensarmos a diferença; no plano afetivo, como sentimento de estranheza, medo, hostilidade, etc. (ROCHA, 1989, p. 07).

Diante disto, podemos compreender que a companhia jesuítica chega ao Brasil com valores e concepções de uma educação vinda da Europa e que era considerada a mais conveniente a ser imposta no Brasil. Compreender que os povos que existiam no Brasil não tinham educação é de alguma maneira uma forma autoritária e etnocêntrica de perceber o outro. Já que poderiam apresentar práticas de uma educação, não como o modelo europeu da época, mas com suas práticas próprias.

No entanto, mencionaremos a seguir como se concretizou o modelo de educação jesuítica no Brasil no período mencionado. Como se deu a própria organização da educação no Brasil para refletir a atualidade.

## **2.1 O modelo Jesuítico de educação**

Modelo, essa palavra nos ajuda a refletir sobre o período jesuítico no Brasil. Tal termo já trás em si, a resposta a esse momento, pois, modelo representa regras, moldes, imitação, reprodução de algo. Foi o que aconteceu com os que habitavam no Brasil, nesse período. As imposições ao modelo educacional dos jesuítas marcou o início do que podemos considerar como disciplina e obediência no processo de educação.

Lima (1970), apresenta alguns aspectos interessantes do período jesuítico no Brasil. Sua reflexão parte para a maneira como se fabricou o Brasil e nela sua educação. Então, da chegada dos jesuítas até 1808, momento da chegada da família real chega ao Brasil, eram proibidas escolas, jornais, circulação de livros. Associações, discussão de idéias, bibliotecas, fábricas, agremiações políticas e a qualquer outra forma de movimento cultural ou de produção livre de bens, tudo era controlado pela educação jesuítica.

Para o autor a história do Brasil de fato só começou muito recentemente, afirmando que somos um milagre do século XX (LIMA, 1970). Durante 259 anos, de



1500 a 1759, os jesuítas montaram, quase clandestinamente uma “rede” escolar para a preparação de clérigos. A escola era para rapazes talentosos, embora pobres, para os brancos nativos, nas condições de europeus. Os mamelucos e mulatos, jamais tiveram nelas ingresso. Pombal expulsa os jesuítas do Brasil e ainda até hoje paira a dúvida sobre a intenção de Pombal na verdade. Mas, pelo discurso de Padre Viera me parece que uma colocava em perigo a existência da outra. A preocupação da Metrópole era manter o povo sem educação.

A maneira como se fez a independência do Brasil- mérito de um membro da família Real Portuguesa- mostra que, sem esta fortuita ocorrência, os mestiços levariam ainda séculos para tomar consciência da situação colonial, mesmo por que a Metrópole cuidara para que permanecêssemos na mais crassa ignorância: a educação do povo é o sustentáculo da liberdade e da autonomia (LIMA, 1970, p. 25).

A intenção da Metrópole era manter os mestiços em total ignorância na intenção de evitar movimentos ou levantes, como por exemplo, a Inconfidência mineira. De acordo com o autor, nossos primeiros 300 anos de existência foram divididos entre duas companhias: A companhia de Jesus, que tinha o monopólio da educação impedindo a implantação de um ensino popular como ocorrido nos EUA, desde os primeiros momentos da sua “descoberta” e a companhia geral do comércio do Brasil (LIMA, 1970). Lima, diz que os europeus esqueceram o quanto os índios, escravos e mestiços contribuíram para o desenvolvimento dos países. Por diversas vezes trabalhando e transportando produtos a preço irrisório. “Fomos nós, também que mantivemos próspera a Companhia de Jesus, que pontilhou a Europa de colégios onde estudou a elite intelectual do mundo até nossos dias...”(LIMA, 1970, p. 25).

A educação no Brasil foi por trezentos anos (1500-1759), obra da Companhia de Jesus, dedicada aos índios, colonos, formadores de clérigos. Era como se fosse uma companhia privada a que o rei dava poderes de empresa pública autônoma, o que hoje podemos chamar de Fundação. Durante 130 anos (1759-1889), a educação nacional ficou se um órgão público ou associação religiosa. Os fazendeiros eram os únicos que podiam mandar seus rebentos a Lisboa, Londres, Roma e Paris. E por fim foi Pombal foi quem eliminou as companhias jesuíticas no Brasil.

Compreendemos a educação no Brasil como sempre direcionada as elites. Os espaços propícios a educação eram voltadas para pessoas consideradas elites. Foram criados alguns centros universitários para atender essas elites. Todo o período colonial e até mesmo no início do século XX, a educação era voltada para os senhores. Segundo Lima (1970), só a partir do século XX é que se começa a adotar um modelo de educação nacional. Sempre a maior parte da população ficou fora da educação. De acordo com Lima (1970), no Brasil nunca foi possível um espaço para debate sobre métodos de ensino. As reformas sempre recaem de maneira paliativa. Essas foram algumas das concepções acerca da influencia dos métodos jesuíticos no Brasil.

## **2.2 A educação e a escola no Brasil**

A escola é uma instituição considerada por muitos como um espaço físico significativo para acontecer a educação. A educação pode ser compreendida fora do seu contexto oficial como um processo de aprendizado contínuo. Mas, são a partir dos tramites da legalidade que compreende a escola como o único espaço capaz de socializar o indivíduo e tornar capaz sua inserção na sociedade.

Como percebemos até o presente momento a educação sempre foi direcionada as elites, quem podia frequentar a escola ou era elite, ou pessoas que pertenciam as igrejas. Eram criados centros e espaços de estudos, mas sempre com foco nas elites. Sabendo, pois, que todo período colonial foi marcada por essa situação, já no período de fim de império e início de república podemos contar com modelos de educação que abrangia um pouco mais a população. No início do século XX no Brasil podemos elencar a criação de algumas escolas chamadas de populares.

Dando continuidade podemos dizer que de fato a educação no Brasil perpassou inúmeras transformações sociais, políticas e econômicas. No início do século XX podemos retratar algumas das mudanças que afetou a sociedade. O fim do império e início de república representou uma mudança no âmbito social e político da sociedade. Período de transição como: a expansão da lavoura cafeeira, o crescimento industrial,

impulsionava o país rumo ao processo de modernização da sociedade. Esse era de fato o momento em que a sociedade saía de uma economia agrária, para se tornar industrializada. Com essa mudança ocorreu muitas resistências sociais, como por exemplo, o movimento operário que contribuiu de forma significativa para as reflexões sobre a importância da educação.

Recapitulando algumas questões no início do século XX, a educação só para algumas classes favorecidas. A grande maioria da população não podia frequentar a escola. As reivindicações por melhores condições de vida, de trabalho fizeram parte deste contexto. Entre as movimentações estava o direito a educação pública. Por isso, podemos compreender que o movimento operário desempenhou um importante papel na luta em favor da sociedade e da educação.

Para Guiraldelli Jr. (1994), o Brasil passou períodos de entusiasmo e otimismo da educação. Aos poucos a educação foi sendo instaurada como campo de movimento político. A sociedade estava insatisfeita no início do século XX. De acordo com este autor, basicamente três correntes pedagógicas fizeram parte da construção do pensamento da educação na Primeira República. Foram essas: a pedagogia tradicional, a pedagogia nova, e a pedagogia libertária.

A pedagogia tradicional estava associada aos intelectuais ligados a igreja. Já a pedagogia nova surgiu no interior dos movimentos da burguesia e das classes médias que almejavam a modernização do Estado e da sociedade no Brasil. Já a corrente libertária, ao contrário das primeiras, não teve origem na classe dominante, e se projetou a partir dos movimentos sociais populares, principalmente aos desejos de transformação social contidos nas propostas do movimento operário (GUIRALDELLI JR.1994).

A pedagogia de cunho religioso foi influenciada pelo período jesuítico já que foram mais de duzentos anos de influência. As diretrizes educacionais dos jesuítas eram influenciadas pelo *Ratio Studiorum* (organização e o plano de estudos da companhia de Jesus, publicado em 1599), que mesmo com a expulsão dos jesuítas continuou a influenciar a educação no Brasil. O *Ration* determinava uma disciplina rígida, o cultivo da atenção, obediência, perseverança nos estudos, traços considerados essenciais para o cristão leigo e mais ainda para o sacerdote.

Baseada numa pedagogia da unidade do professor, ou seja, cada turma deveria seguir seus estudos, do começo ao fim, com o mesmo mestre. E todos os professores deveriam utilizar da mesma metodologia. E o assunto deveria ser restrito a poucos autores, levando em consideração os autores que privilegiassem o pensamento oficial da igreja, como Tomás de Aquino. (GUIRALDELLI JR.1994).

Tomás de Aquino (1225-1274) foi um dos mais famosos filósofos da escolástica. Nasceu na Itália, no castelo de Roccasecada, perto de Nálopoles. De acordo com Rosa (1971), o pensamento de Aristóteles foi a grande influência ao pensamento educacional de Aquino.

[...] Tomás de Aquino responde que, a rigor, só Deus é o verdadeiro agente da educação. Da mesma forma que não se pode atribuir a causalidade eficiente da árvore ao agricultor, pois este não cria a árvore, mas a cultiva, o homem não pode comunicar a ciência, mas prepara para ela (ROSA, 1971, p.107).

A pedagogia tradicional baseada no pensamento do filósofo alemão Jonhann Friedrich Herbart (1776-1841), e no suíço Jonhann Heinrich Pestalozzi (1746-1827), ambos tiveram a proposta de “psicologizar a educação”, ou seja, refletindo sobre imaginação, as emoções e percepções das criança no processo de educação. E caberia ao professor aplicar testes para verificar o aprendizado do aluno a partir das técnicas apresentadas.

Tais princípios, que priorizavam a apreensão de conteúdos científicos, literários e filosóficos na formação dos educandos, acabaram forjando um dos mais poderosos métodos de ensino: “os cinco passos formais”, facilmente transformados no “modo natural de ministrar aulas” –o método expositivo” (GUIRALDELLI JR.,1994, p. 22).

É importante mencionar também a contribuição da pedagogia libertária no Brasil no início do século XX. As primeiras organizações libertárias no Brasil estiveram vinculadas ao movimento operário. Diante disto, não poderíamos deixar de mencionar a importância destes trabalhadores em relação a reflexão da educação, já que os mesmos,

atuavam também na imprensa e refletiam sobre a educação como um processo da educação como de extrema relevância para o despertar social.

Mesmo diante das dificuldades enfrentadas pelos anarquistas para propagar a educação libertária no início do século XX, alguns países chegaram a conhecer algumas práticas do projeto pedagógico, como é o caso das Escolas Modernas de Ferrer (1859-1909)<sup>1</sup>, instaladas no Brasil (LIPIANSKY, 2007). A chegada de alguns anarquistas ao Brasil por volta desse início do século XX esteve associada à imprensa e ao movimento operário.

Devido a isso, o anarquismo foi uma corrente de influência no movimento operário e causava irritabilidade à classe dirigente. Os anarquistas, junto ao movimento operário, pensavam na ação direta<sup>2</sup>, apoio mútuo, autogestão e propaganda para expor suas expectativas pedagógicas. A proposta dos libertários junto aos operários era a de criar uma educação voltada para o desenvolvimento das mentalidades e habilidades dos trabalhadores (JOMINI, 1990: 121).

Os meios propalados pelos anarquistas como a ação direta, o apoio mútuo e a autogestão criavam formas de organização dos trabalhadores. Pensar nessa autogestão, tanto na forma de produção como na vida social, causava desconforto à elite dirigente. A partir daí, o movimento operário começou a se organizar na intenção de despertar a sociedade e os trabalhadores, emancipando as mentes. Com essa visão, os laços entre educação e vontade revolucionária se uniram. A maioria dos trabalhadores no Brasil via a imprensa como principal instrumento de participação e propagação do pensamento libertário. Por isso, não se pode falar de movimento operário sem fazer referência à importância da imprensa.

Nesse momento, surgiu também o anarco-sindicalismo, como um segmento atrelado à indústria e aos trabalhadores. E, a partir dele mantinha as escolas, centros de cultura, universidade popular e outros. No Brasil, nesse período, os projetos pedagógicos estiveram vinculados ao movimento operário e aos libertários. Porém, nas leituras oficiais, desse período, não vemos registros sobre a participação e influência dos libertários no debate sobre educação no Brasil.

---

<sup>1</sup> Espanhol nascido em Barcelona de família de camponeses católicos. Trabalhou como agricultor e depois numa fábrica de tecidos.

<sup>2</sup> Significa no campo dos anarquistas o próprio financiamento das escolas, associações, agremiações entre outros.

O início do século XX, no Brasil esteve marcado, pela proposta da escola nova de Francisco Ferrer Y Guardia. Inclusive seu pensamento foi muito propalado por alguns libertários brasileiros e pela imprensa anarquista, como cita Jomini (1990), quando menciona Adelino de Pinho e Florentino de Carvalho, dois professores da escola moderna nº1 e nº2, levando seus alunos para uma movimentação dos trabalhadores. Essas programações realizadas pelos professores das escolas modernas para incentivar os alunos a participarem das questões operárias eram registradas pela imprensa anarquista.

Portanto, com métodos contrários à época, os libertários pensavam numa educação com respeito à liberdade, individualidade e a livre expressão de todos. A questão seria preparar os indivíduos através da educação para atuarem na sociedade. Compete ainda mencionar a educação no Brasil da Primeira República como exclusivista e separatista. Já os libertários, ao contrário, pensavam numa educação com princípios voltados para a co-educação do sexo e das classes, tendo como objetivo principal o ensino racional e integral,<sup>3</sup> com o respeito à liberdade dos indivíduos.

A imprensa no Brasil foi crucial para a propagação dos ideais educacionais dos libertários. Por meio da ação direta, os libertários recusavam qualquer forma de imposição, tanto da igreja como do Estado. O trabalho da professora Maria de Nazareth Ferreira em “*A imprensa Operária no Brasil*” (1978), retrata uma compilação do pensamento anarquista sobre a imprensa operária, apontando a riqueza de informações produzidas pelos libertários. Os pesquisadores brasileiros devem a Ferreira o primoroso trabalho de organização do arquivo de Edgard Leuenroth, do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas.

Seu trabalho representou a contribuição do movimento operário no Brasil na Primeira República brasileira. Para o Brasil, no início do século XX, a imprensa não foi a única, mas foi uma das fontes principais cuja finalidade era questões sociais da época. Seu registro sobre a contribuição dos libertários foi feito a partir da análise da contribuição da classe operária no início do século XX, na cidade de São Paulo, conforme Maria de Nazareth:

---

<sup>3</sup> O termo integral está relacionado a junção entre o manual e intelectual a idéia é integralizar esses fatores.

A utilização do jornal operário como principal fonte de documentação histórica mostrou-se altamente eficiente, sendo o material disseminado pelos antigos militantes do movimento operário necessita ser inclusive melhor aproveitado, tal riqueza e complexidade: “Ao seguir as pegadas deixadas pelos militantes operários, ao reler seus chamamentos e manifestos, aparecem as razões dos progressos que marcaram as etapas do movimento operário (FERREIRA, 1978, p.13).

A formação da imprensa operária se deu pela necessidade da luta contra as péssimas condições de vida dos operários. Aqui, Ferreira fala da sua preocupação em pensar na contribuição do trabalhador gráfico como agente comunicador. “A utilização do jornal como veículo de comunicação foi de grande proveito para a organização da classe trabalhadora brasileira” (FERREIRA, 1978, p.15). Pode-se compreender, desse modo, que foi a partir desse registro que a imprensa adquiriu importância na organização social e cultural da classe operária.

Os congressos operários, no início do século XX no Brasil abordaram diversas temáticas incluindo as condições de vida e de trabalho dos operários, a forma de se organizar, a educação, a imprensa, entre outros. Em relação à educação discutiam propostas sobre ensino, conteúdo, postura do educador etc. Devido a isso, os congressos operários foram importantes para a educação e para as lutas sindicais. De acordo com Rodrigues (1970), os sindicatos operários de vínculo anarquista, eram vistos como puro ou apolítico, sem influência partidária.

Para o militante consciente, o sindicalismo, no seu todo, era uma forma de doutrina que despertava e estimulava o aperfeiçoamento profissional, o interesse pela cultura social e geral; humanizava pelo despertar da sensibilidade, através do apoio mútuo e do amor fraterno em contra-posição aos organismos criados pelos “Estados”, onde os trabalhadores, associados obrigatoriamente deixavam de ser homens pensantes, para serem instrumentos paralisados, surdos aos acontecimentos, cegos à realidade do seu mundo – do mundo produtor ( RODRIGUES, 1970, p. 20).

Os debates operários se instauraram nos eixos Rio - São Paulo. A localização geográfica do Estado de São Paulo favorecia esses debates devido ao fato de

existir nesse estado uma maior concentração de fábricas e de grandes conglomerados urbanos. Esse Estado também foi o de maiores registros de repressão aos militantes do movimento operário.

O Primeiro Congresso Operário Brasileiro ocorreu em 1906, no Rio de Janeiro. Nessa época, o jornal “*A terra Livre*” dirigido por Neno Vasco, uma das figuras mais eminentes do movimento anarquista vindas de Portugal para o Brasil, registrou muitas das lutas desses trabalhadores. A primeira conferência, de modo sucinto, apresentava a forma como estes se organizavam para lutar em prol dos seus interesses. Todas as questões operárias eram pensadas de modo coletivo, sem hierarquias, onde todos participavam e contribuía com os debates.

Vejam a seguir, uma proposta operária na liga de Campinas: “18º artigo proposto sobre educação no congresso foi: é necessária a fundação de um jornal de formato regular que não seja filiado a nenhum partido político, e que trate somente da defesa dos interesses da classe e do movimento operário internacional?” (RODRIGUES, 1970, p. 25).

A intenção de fundar uma imprensa própria seria para propagar suas intenções e propostas, uma vez que, para justificar a classe burguesa e as instituições constituídas, já existiam diversos jornais e revistas diárias. Depois de refletir sobre a imprensa, os libertários apontavam a questão da educação. Vejam o item subsequente ao 18º artigo: o que nos diz: 22º “- É útil a fundação de escolas suburbanas e a organização de conferências libertárias, etc.?” (RODRIGUES, 1970, p.26).

Os trabalhadores tinham a preocupação de fundar uma escola própria para atender aos interesses da classe operária. Nessa época, além da burguesia usufruir dos privilégios do dinheiro sobre a miséria do trabalhador, ainda gozavam do direito de estudar nas escolas do Estado. Os operários, além de não poderem sustentar os seus filhos nas escolas, por falta de recursos, não sobravam vagas nas escolas do Estado. Por isso, esses operários viam a necessidade de fundar e sustentar as escolas com seus poucos recursos.

Essas discussões instauradas pelos trabalhadores, na 1º Primeira Conferência Estadual de São Paulo, foram importantes por fornecerem subsídios pertinentes para a aprovação das normas do 2º Congresso de operários, realizado no ano de 1908, no intuito de alargar as decisões tomadas no 1º Congresso Operário. Motivados e entusiasmados com os debates acontecidos nas conferências e congressos



apresentados anteriormente, os debates sobre educação tomavam maiores proporções. Vejamos uma das propostas em relação a uma Universidade Operária:

7º - Não será de utilidade a criação de uma Universidade Operária para a ilustração e educação do proletariado? Aprovado: “O congresso aceitando por princípio a utilidade de uma Universidade Operária, opina que os sindicatos operários procurem auxiliar o desenvolvimento intelectual do operariado aproveitando os meios ao seu alcance, organizada nos limites do possível, um ciclo de conferências científicas” (RODRIGUES, 1970, p. 29).

Depois de se questionar sobre a criação de Universidades Operárias, debateram também sobre a importância de fundar escolas. Nesse item os operários aprovam a abertura de escolas livres. Nessa época, as escolas livres eram as escolas de Francisco Ferrer Y Guardia. Nessas escolas, os operários deveriam ter a autonomia de decidir sobre seu funcionamento interno.

Rodrigues (1970) registra uma maior concentração dos debates operários nos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro, porém, existiam também movimentações operárias em outros Estados, como o Rio Grande do Sul, onde sediaram muitas organizações operárias. De acordo Rodrigues (1970), o Rio Grande do Sul foi um Estado marcado pela presença de imigrantes vindos da Alemanha, Rússia, Polônia, e Itália. Essas influências foram pertinentes para as lutas operárias. Mesmo com governos repressivos e autoritários, esses operários conseguiram resistir e expor suas propostas. Esse período foi bastante conturbado para aqueles contra a oficialidade.

Foi, portanto, em meio a um ambiente hostil que o trabalhador estrangeiro pregou suas idéias, organizou suas idéias, organizou associações de classe, chegando à criação de “Associações Operárias”, inicialmente baseadas no apoio mútuo e, logo depois, na luta de classes e nos princípios da ação direta. Suas doutrinas provinham de diversas escolas. A princípio, as que melhor frutificaram no Brasil foram as idéias de Robert Owens, Charles Fourier, Peter Kropotkine, Miguel Bakunine, Malatessa, Rossi, Reclus e Sebastião Faure – expoentes das lutas sociais,

que, nos congressos da Europa, ganhavam projeção, a partir da “Primeira Internacional dos Trabalhadores”, (AIT), chegando ao Brasil sob denominação de “Sindicalismo Revolucionários”, ou “Anarcosindicalismo”, como muitos preferiam chamar-lhe (RODRIGUES, 1970, p. 96).

Depois dessa breve apresentação acerca das influências das correntes de educação no Brasil, partiremos para uma breve apresentação sobre a educação na atualidade. A proposta é refletir a partir desse primeiro momento o modo como a educação se apresenta nesse momento.

### **2.3 O modelo de educação atual no Brasil**

A educação é considerada como importante fator social da diminuição das desigualdades sociais. São muitos os programas criados pelo Ministério da educação (MEC), para tentar solucionar os dilemas e crises da educação atual. Esses programas passam pelo processo de um melhoramento da educação. Mesmo com todas as modificações a educação ainda requer de muito avanço no âmbito social.

De acordo com Nery ( 2009) a educação atualmente figura como um significativo componente de crescimento econômico. Mas, a escola ainda enfrenta muitos problemas, que para a autora um dos mais preocupantes é o fracasso escolar. Levando em consideração o contexto atual, em que a globalização, tecnologia tomam conta dos espaços, assim, acontece com a educação. A chamada era digital tem tomando abrangências significativas na educação, mesmo com as entregas e valorização do uso da tecnologia a escola ainda enfrenta o fracasso escolar.

O fracasso escolar deve ser pensado sociologicamente, e a sociologia da educação pode contribuir para isso. Pensar sociologicamente o fracasso escolar nos remete ao conceito de estrutura familiar. Há, sim, um elemento familiar e, assim, ao próprio capital cultural familiar. Nesse sentido, o capital cultural familiar de algum modo tem força determinante na forma como os pais percebem a educação dos seus filhos. Ao mesmo tempo, encontra-se em estreita relação com as condições materiais de existência da família (NERY, 2009, p. 146).

Sabemos que as crises ainda permanecem no contexto da educação. Com toda a apologia a disciplina, obediência e as punições que se criaram dentro do processo da educação os fracassos ainda persistem na educação atual. De acordo com a autora, os problemas de desigualdade social refletem no contexto da escola.

Entendemos nesse processo que todo o apelo feito para as regras, punições e disciplina perpassa por âmbitos maiores relacionados a melhoria da condição de existência humana. As escolas ainda estão despreparadas para receber a geração da era informacional. A educação precisa tomar outros contornos para que a educação aconteça de qualidade, ao contrário a indisciplina, a evasão e a violência contornaram os espaços da escola.

### **3- O BRASIL E A EDUCAÇÃO: AVALIAÇÕES, PUNIÇÕES E REGRAS**

As regras e as punições sempre estiveram presentes na formação da educação brasileira. Desde o período dos jesuítas que já percebemos o apelo pela disciplina e obediência. Cabe, neste instante, refletir um pouco sobre a influência teórica exercida pelo francês filósofo Michel Foucault (1926-1984), quando se refere ao processo de punição que as instituições exercem no corpo. No capítulo dos corpos dóceis Foucault se refere as instituições regulamentadas como: militares, escolas, hospitais que são responsáveis pelo controle e correção do corpo. A sua teoria se refere ao adestramento do corpo a fim de torná-lo dócil, manipulável, transformado e aperfeiçoado (FOUCAULT, 1977).

Na modernidade o processo de disciplina vem tomando cada vez mais espaço na sociedade. A idéia é que quanto mais obediente, mais útil. Então, manipular horários, controlar atividades, passa por um processo de imposição que muitos não aceitam. Foi basicamente dentro dessas concepções que a educação no Brasil foi sendo elaborada. A seguir vejamos como foi um pouco do período de Vargas no Brasil para uma breve reflexão das suas influências.

#### **3.1 Breves apontamentos da educação no período de Getulio Vargas**

O período de Getulio Vargas (1930-1945) foi um momento marcado pelo movimento médico-higienista que investia no corpo familiar e na escola. Levando em consideração o pensamento de Foucault citado anteriormente, o período varguista teve a preocupação de preparar uma escola fundamentada em regras. Seria na escola que o indivíduo passaria pelo processo de higienização dos corpos, além do ordenamento do espaço e do tempo para brincar, agir, lanchar, e fazer tarefas. A disciplina era um dos fatores a serem investidos nos indivíduos para que esse tivesse uma maior produtividade. A disciplina, de acordo com Buriti (s/d), diminuiria a ociosidade e por fim aumentaria a produtividade. Desde criança o corpo deveria ser educado conforme os ditames oficiais.

Vargas impõe um modelo social de educação disciplinadora e coordenadora, baseado na modelização atlética do corpo e na obediência inquestionável às autoridades. A escola é vista pelo mesmo como uma instituição capaz de sanear a nação brasileira e limpá-la de sua “sujeira” colonial e imperial, a fim de passa para os demais países a imagem de uma República higienizada, educada, inteligente e desenvolvida (BURITI, s/d, p. 03).

Essas foram as influencias para a propagação de uma educação rígida e disciplinadora o que prevalece ainda por muitos professores. Através da escola a criança desenvolve meios de adequação comportamental para a sociedade.

### **3.2 Disciplina e Indisciplina: sociedade e escola no contexto social**

A disciplina pode ser definida como obediência, regras, imposições. A princípio essa é a definição mais precisa para a disciplina. Quando falamos em educação e escola, podemos afirmar que ambas passam por um processo de organização. E essa organização estar fundamentada na concepção de que essas instituições precisam de regras.

Ao refletir sobre tais apontamentos, podemos dizer que a disciplina o oposto da indisciplina pode ser considerada importante. Mas, o que devemos refletir é sobre o aumento da indisciplina mesmo com todos os investimentos nas escolas. Sabendo que muitos estudiosos da educação se apóiam na exigência da disciplina como um dos processos pertinente para garantir a eficiência da educação.

Pensar nos entraves da educação escolar é tentar desenvolver um pensamento que possa contribuir para a eliminação de tais dificuldades, como é o caso

da indisciplina em sala de aula. A proposta desta monografia foi de levar em consideração o que o aluno e o professor falam dessa temática. Mas, sem desconsiderar o contexto político e social que envolve toda escola como aparato humano e físico que constituem a escola.

O conceito de indisciplina não apenas se traduz de múltiplas interpretações. Assim, a questão pode ser observada a partir de diferentes marcos de referência: do aluno, do professor ou da escola [...] Um aluno indisciplinado, portanto, é aquele que possui uma conduta desviante em relação a uma norma explícita ou implícita (PERRAT-DAYAN, 2008, p. 21).

O que poderíamos compreender como cultura desviante é aquele aluno que não obedece as regras do gestor, inspetor e nem professor. Isso quer dizer que foge as regras dos padrões considerados normais para o desenvolvimento da aula.

Podemos relembrar, neste instante, o pensamento do sociólogo Francês Émile Durkheim, como se refere a educação como um processo de moralização do indivíduo. Uma instituição de força para coagir o comportamento do indivíduo. Em Educação Moral, uma conferência proferida por Durkheim, na Sorbonne no ano letivo de 1902-1903. Ele expõe suas principais preocupações em relação a educação. A questão da moralidade, aparece de forma muito presente no pensamento de Durkheim. Primeiramente a educação é vista como fundamental para a formação pessoal do indivíduo.

Aponta a responsabilidade de ser um pedagogo, e como a educação tem o poder de mudar a conduta de uma sociedade. O papel da educação é fundamental por proporcionar e garantir uma moralidade às gerações futuras. O referido autor ainda aponta o fato da disciplina como elemento chave na formação de uma educação que permita a harmonia entre os indivíduos. “Conduzir-se moralmente é agir em conformidade com uma norma, que determina a conduta a ser seguida antes mesmo que tomemos partido acerca do que devemos fazer (DURKHEIM, 2008, p.39).

A criança aparece com maior preocupação, pois esta seria uma fase fundamental para desenvolver os aspectos da moralidade. Segundo ele, a fase em que a criança sai dos apegos da família e se insere no meio em que circunda é a melhor fase

para esta formação. Pois, sendo mais cedo a criança não possui elementos mentais suficientes para a formação da moralidade. Esta fase ao sair da família e ir a escola terá maior disponibilidade de inculcar os valores da moralidade. Esse é um momento crítico para a formação moral (DURKHEIM, 2008).

A fase infantil de acordo com Durkheim é a fase que mais possibilita a formação de uma moralidade. Por isso, neste caso sua preocupação é em falar de uma educação moralizante para a criança na fase pós família e inserção na sociedade. Principalmente se forem as escolas públicas, já que para Durkheim, as escolas públicas são essenciais por atuarem como reguladora de uma educação nacional.

Por isso, a proposta de Durkheim foi pensar numa escola pautada no ensino racionalista, ou seja, essa racionalidade no sentido de não se fazer conhecimento sob religião revelada. Podemos concluir que a preocupação do autor é uma educação que imponha valores morais e assim mantenha-se coesa. A educação deve ser regrada a partir dos valores impostos pela sociedade. A criança deve se sentir integrada na sociedade vivendo de acordo com os ditames propostos nela.

A sociedade é, antes de tudo, uma consciência: é a consciência da coletividade. É, pois essa consciência coletiva que deve ser passada para a alma da criança [...] É a escola que cabe organizá-la metodicamente (DURKHEIM, 2008, p.68).

A sociedade e a criança devem estar juntas nas formas de pensar, vestir e se comportar. Por isso, como foi mencionado anteriormente a maior preocupação do autor em lidar com mentalidades infantis. Sendo essa fase mais fácil de impor os costumes. É uma fase também mais maleável para desenvolver estes valores coletivos que para Durkheim são tão importantes. Vejamos que o pensamento de Émile Durkheim influenciou bastante a educação no Brasil com a concepção de disciplina e ordem para as salas de aula.

#### **4 FRANCISCO ERNESTO DO RÊGO: O HISTÓRICO DA ESCOLA E DA EDUCAÇÃO EM QUEIMADAS- PB**

Esse capítulo aborda um pouco da história da cidade de Queimadas, a escola e o processo de formação da educação nessa cidade. Essa é a única escola do Estado da cidade que compõe ensino fundamental e médio, considerada de interior é composta tanto por alunos da zona rural, como também da área urbana. São alunos com contextos sócios-culturais diferenciados e cada um deles desenvolve uma maneira particular de se colocar no mundo social.

Partiremos para falar um pouco da história do município de Queimadas. A cidade de Queimadas-PB esta localizada na região metropolitana de campina grande. De acordo com o IBGE (2011) a população era de 41.297. Nos últimos anos o IBGE tem constatado o aumento gradativo da população urbana, devido à falta de apoio na vida rural e pelas irregularidades do clima, a cidade tem se tornado mais atrativa (LOPES, 2010).

Dentro de um contexto histórico a cidade de Queimadas-PB, foi ocupada por portugueses que instalaram na região índios Cariri, chamados de Bodopitá para cuidarem dos currais e assegurarem a posse (LOPES, 2010). Uma estratégia utilizada pela família Oliveira Ledo, deixando a cargo do capitão Pascácio de Oliveira ledo a serra do Bodopitá (LOPES, 2010).

Esta gravada na memória dos Queimadenses que o seu primeiro nome foi “Tataguaçu”, palavra indígena que significa “fogo grande”. De acordo com a pesquisa do historiador Horácio de Almeida (1978), esse nome teria sido pronunciado pelo indígenas ao verem o enorme fogo posto na mata pelos homens de Pascácio de Oliveira Ledo.

O setor econômico predominante no município é o setor terciário (comércio e serviços), que contribui com 68,05% da renda do município. “O setor primário predominante em décadas passadas é hoje inexpressivo contribuindo com apenas 10,99%, isso se explica em parte pelos rigores do clima” (LOPES, 2010, p.105).

No passado o comércio de Queimadas se limitava apenas as mercearias que naquela época recebia o nome de bodegas. A feira também era um local de encontro



para dialogo e trocas de relações. Feita aos domingos era situada na rua principal (LOPES, 2010). Na atualidade o comércio de Queimadas-PB é um dos mais fortes entre os municípios circunvizinhos, perdendo apenas para Campina Grande.

#### **4.1 – A origem da educação na cidade de Queimadas-PB**

Depois de fazer um breve passeio sobre a história da cidade de Queimadas-PB, abordaremos um pouco da história da educação. A primeira escola construída em Queimadas foi o grupo escolar José Tavares, inaugurado no dia 25 de janeiro de 1937. De acordo com Epaminondas Câmara (apud, Lopes, 2010), no ano de 1900, Maria Capitulino de Araújo Melo (conhecida como Iaiá de Melo) era uma professora importante no município de Campina Grande. Portanto, baseado nesse relato pode-se afirmar que possivelmente esta tenha sido a primeira professora de Queimadas- PB (LOPES, 2010).

A seguir apresentamos alguns nomes de professoras que fizeram parte da história da cidade de Queimadas-PB: Maria Dulce Barbosa, Maria de Lurdes, Zilda Maia, Adalgiza Honório, Maria Amélia Araújo, Diolinda Araújo, Antônia Araújo, Docimira Alves, Arlinda Alves. As primeiras escolas em Queimadas-PB funcionavam provisoriamente em residências. O chamado antigo mercado público funcionou como escola. Depois foram construído o grupo Cônego Oscar Cavalcante, e depois a Escola municipal Veneziano Vital do Rêgo. Foi na década de 70 que começou a construção do “Ernestão” como escola municipal e depois passando a ser estadual. O “Ernestão” é hoje a maior escola da cidade ( LOPES, 2010).

Atualmente o sistema educacional de Queimadas-PB é composto de 90 escolas, sendo nove particulares, onze estaduais e 70 municipais. De acordo com a secretaria Municipal de Educação, em 2006 foram matriculados no município 9.973 alunos no ensino fundamental e Médio. Dos quais 161 nas creches; 1.054 na Pré-escola; 5.604 no fundamental e 363 no médio e 2.791 no Eja (LOPES, 2010).

## 4.2 Histórico da Escola

A escola Municipal Francisco Ernesto do Rêgo foi criada em 1975 na administração do prefeito Sebastião de Paula Rêgo com o funcionamento no grupo Escolar Veneziano Vital do Rêgo, situado na rua: Odilon Barreto, s/n, em queimadas. Na administração do prefeito Municipal Saulo Leal Ernesto de Melo em 01/06/1977, através da resolução N° 38177 do conselho Estadual de Educação, a escola foi autorizada a funcionar com o ensino de 5ª a 8ª series do 1º Grau.

Por meio da Lei Municipal de N°10 de 20/10/1981, foi implantado o Ensino de 2º Grau, assim foi criada a escola Municipal Francisco Ernesto do Rêgo com a finalidade de proporcionar ao educando uma base de cultura e técnica que lhe permita integra-se na comunidade, participando do trabalho produtivo ou prosseguindo em seus estudos capacitando-se profissionalmente e conscientizando-se dos direitos e deveres de cidadão.

O decreto de N° 9.568 de 12/08/1982 estadualiza o colégio municipal Francisco Ernesto do Rêgo, quando era governador da Paraíba o Drº Wilson Braga. Foram diretores deste estabelecimento de ensino, pela ordem cronológica: Maria da Guia Leite, Maria Isabel Toscano de Oliveira, Lauro Aguiar Leite, José Miranda, Filho, Antonio Farias da Costa e Ritaci Barros Leal.

A Escola já completa mais de 37 anos de história. Localiza na Avenida Severino Bezerra Cabral, s/n, limita-se ao norte a rua Artur Monteiro Viana, ao sul com a rua José Duarte da Costa, ao leste com a BR 104 e ao oeste com a rua Santa Terezinha. A escola é uma referencia, pois, encontra-se em expansão e conta com aproximadamente 2.900 alunos. A distribuição se faz da seguinte forma: 2050 alunos do ensino fundamental, 980 alunos no ensino médio e 80 alunos no EJA (Educação de Jovens e Adultos).

O corpo docente é composto por 107 professores, possui 20 funcionários incluindo merendeiras e vigilantes. A escola possui programas como PDDE (Programa dinheiro direito na Escola); PDE (Plano de desenvolvimento da Educação); PNAE

(Programa nacional de alimentação escolar), Mais educação, Proeja (Programa Nacional de Integração Profissional com a Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e Adulto ) e EJA (Educação de Jovens e Adultos - médio), Projovem urbano e o mais recente programa de aceleração da fundação Roberto Marinho . Além disso, de acordo com o histórico da escola, possui suportes pedagógicos como: Biblioteca, sala de vídeo, sala de informática, sala de laboratório (química, física e biologia) e ginásio poliesportivo. A estrutura física é composta por 23 sala e um anexo com mais 19 salas.

A seguir partiremos para falar um pouco mais da realidade do alunos do 3º ano da referida escola. Nessa análise foi necessário refletir sobre as condições físicas e estruturais da escola, os alunos e os argumentos de alguns professores em relação a cada turma.

#### **4.3 Estudo de caso dos alunos do 3º ano manhã**

A escola o Ernestão é composta por ensino fundamental e médio. O médio possui aproximadamente mais de 600 alunos, quando nos referimos aos três turnos. A reflexão a seguir será mencionada a partir de uma análise do comportamento dos alunos do 3º ano do ensino médio manhã do ano corrente, contando com 5 turmas , mas que serão apresentadas a análise apenas de quatro turmas.

A discussão perpassa a questão da indisciplina em sala de aula, notamos todos os anos na escola o presente debate em torno da insatisfação do professor em relação ao comportamento dos alunos. Usando o método etnográfico que corresponde a uma análise e descrição acerca da realidade apresentada, ou seja, é o modo de descrever fenômenos sociais, de sociedades urbanas e rurais, grupos étnicos e etc (MARCONI; LAKATOS, 2007).

Os alunos das turmas B, C, D, e E, apresentam comportamentos semelhantes já que todos possuem comportamentos análogos, porém, que se diferem em alguns momentos. Por exemplo, a turma B, é considerada uma turma trabalhosa pelos professores. O termo trabalhoso diz respeito a falta de disciplina, ou seja, muitos não fazem as atividades, não ficam em sala. Os motivos são os mais diversos, mas um

corrente é que as salas de aula são ambiências de exaustão, impossibilitando o conforto. A turma B, vem sendo considerada uma turma também um pouco mais difícil já que muitos vem de uma escola chamada de anexo da própria escola e segundo eles já trazem tal comportamento deste anexo que era considerado pequeno e os alunos se aglomeram muito próximos uns aos outros como era no ano passado.

**Foto 1:** Turma B, manhã



**Fonte:** (Autoria própria)

Essa imagem se refere a turma B, como vimos e percebemos os alunos na sua grande maioria aglomerados na parte direita da sala. Isso por estar acostumado no ano passado num anexo do próprio Ernestão que era pequeno o espaço. Percebemos também que as salas ainda são de telhas e o sol reflete na aluna do lado esquerdo. Os argumentos dos professores é que são trabalhosos, já o argumento dos alunos é que as salas são desgastantes. Por ser telhado e ouvir os barulhos e pelo sol que incomoda.

**Foto 2:** Turma C, manhã



**Fonte:** (Autoria Própria)

A imagem anterior é da turma C, considerada uma das turmas um pouco menos trabalhosa como mencionamos anteriormente. Mas, os alunos alegam os mesmo problemas em relação à ambiência da sala e assim dizem que isso causa transtornos inclusive acham as salas úmidas o que causa alergia e irritabilidade. Sentem dificuldades em se manter por muito tempo na sala e ao analisar o comportamento dos mesmos percebemos que se sentem inquietos.

**FOTO 3:** Turma D, manhã.



**FONTE:** (Autoria própria)

A situação da turma D, é semelhante as outras pela imagem percebemos a parte física da sala de aula. Agora já o comportamento destes alunos é diferenciado, segundo os argumentos dos professores, essa turma é uma das mais interessadas. Possuem um comportamento melhor, são mais atentos e mais disciplinados que as outras turmas do 3º ano do ensino médio.

**Foto 4:** Turma E, manhã



**Fonte:** (Autoria própria)

A turma E, é considerada uma das turmas mais disciplinadas e interessadas nas aulas. Segundo alguns relatos de professores, os que ministram aula nessa turma sentem mais felizes e com aulas mais proveitosas. Atribuimos talvez essa maior desenvoltura por ser uma sala que possui menos alunos que as demais turmas e ainda não fica tão exposto ao sol.

## 5 CONCLUSÃO

A escola é um das instituições mais importantes para a formação comportamental do indivíduo. Como disse Peter Berger (1977), a socialização secundária é uma das mais importantes, depois da família, pois é neste instante que o ser aprende a maneira como se comportar na sociedade.

A escola por ser um espaço de diversidade social, política, enfrenta muitos dilemas. Então ao analisar as turmas e os diálogos dos professores notamos muitas preocupações em relação ao mau comportamento dos alunos em sala. E até relatos de violência contra professores.

Os alunos se levantam muito, mudam de lugar, desrespeitam e muitas vezes não cumprem com suas atividades. No início do horário ficam mais ansiosos para que aula termine para que venha o horário recreativo. Em seguida, depois da recreação ficam inquietos para saírem da sala. Esses são alguns dos argumentos dos professores em relação aos alunos.

A educação que deveria ser sentida com prazer passa a ser vista com desgastante tanto para o aluno, como para o professor. Já os alunos alegam que a estrutura física é um dos fatores de muito incomodo. Pois, a luz e os telhados deixam, segundo eles, mais inquietos por ouvirem barulhos e ficarem exaustados num ambiente que não é propício ao aprendizado.

Além disso, acham as aulas ainda massacrantes, mesmo, com o uso dos recursos didáticos tecnológicos os alunos ainda se sentem cansados e sem animo para as aulas. Enfim, essa monografia entende que é preciso criar novos meios de interação entre professor e aluno a ponto de compreender de fato as principais dificuldades vividas pelos mesmos. Levando em consideração sua indisciplina a partir de um contexto social político e econômico que insere o aluno.

## REFERÊNCIAS

BEGER, Peter. Socialização: como ser um membro da sociedade. **IN:** Sociologia e Sociedade. Foracchi, Marialice Mencarini e Martins, José de Souza. Rio de Janeiro: LTC, 1977. p. (201-214).

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Que é Educação**. 33ª ed. Coleção Primeiros Passos – São Paulo: Brasiliense 1995.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 2010.

CORRÊA, Guilherme. C. **O Que é a Escola?** In: CORRÊA, Guilherme C. et al. Esboço parauma História da Escola no Brasil. Rio de Janeiro: Achiamé, 2000.

DURKHEIM, Émile **Educação Moral**. Tradução de Raquel Weiss – Petrópolis, RJ. Vozes, 2008.

DAYAN, Silva Perrat. **Como enfrentar a indisciplina na Escola**. São Paulo: Contexto, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: historia da violência das prisões**. Editora: Vozes, 1977.

GONÇALVES, Adelaide; SILVA, Jorge E. **A bibliografia Libertária: o anarquismo em língua portuguesa**. São Paulo: imaginário, 2001.

LIMA, Lauro de Oliveira. **Estórias da Educação No Brasil: De Pombal a Passarinho**. Editora Brasília: Rio de Janeiro, 1970.

LIPIANSKY, Edmond-Marc. **A Pedagogia Libertária**. Editora Imaginário: São Paulo: 1999.



LOPES, Antônio Carlos Ferreira. **Queimadas seu povo, sua terra**. 4ª Ed. Cópias e Papéis, 2010.

RODRIGUES, Edgar. **Alvorada Operária**. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1970.

\_\_\_\_\_. **Anarquismo à moda antiga**. Editora: A idéia, Lisboa: 1985.

\_\_\_\_\_. **ABC do sindicalismo Revolucionário**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1987.

\_\_\_\_\_. **Os Companheiros -1** Rio de Janeiro: VJR Editores Associados, 1994. V. 1.

ROCHA, Everardo. **O que é etnocentrismo**. Editora: Brasiliense, São Paulo, 1989.

SEVENINO, Antônio Severino. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.